

Educação Ambiental & Desenvolvimento Sustentável

Coletânea de artigos

Fabio Ortiz Jr

a Vilvanita Dourado de Faria Cardoso, pelo norte,

a Marcel Bouquet, pela luz,

a Carmem Lucia Soares, pelo caminho.

Mestres e, sobretudo, educadores.

À guisa de apresentação (pós-escrito, Dez 2006)

Esta coleção de artigos foi primeiramente pensada como uma contribuição mensal ao jornal Correio da Serra, recém-criado quando conheci o município de Santo Antonio do Pinhal, no começo de 2000.

Bastaram-me duas ou três visitas à cidade e algumas conversas afortunadas para perceber a necessidade e a importância da valorosa iniciativa de Claudemir Oliveira, o Viola, dono da Viola Pães & Doces, e de Ana Paula Costa, jornalista e dona da Casazul Modas, que juntaram forças na criação de um informativo independente e sério, voltado para o amplo interesse da comunidade local. Tanto quanto me lembro, meses depois, em visita à redação, ofereci-me para colaborar graciosamente com o jornal, criando uma coluna que procurasse esclarecer a população quanto aos riscos de vermos perdida talvez a derradeira oportunidade para a criação de um futuro minimamente saudável para Santo Antonio. A Ana, generosamente, aceitou de imediato e aguardou.

Os temas, eu suponha, deveriam ser tratados e desenvolvidos de forma a aliar seriedade e leveza, conteúdo denso e facilidade de compreensão. Não sei se consegui e há aqui algumas explicações que julgo necessárias.

Primeiro, eu ainda morava e trabalhava em São Paulo. Segundo, ainda não tinha a visão suficientemente clara do que pretendia realizar com a aquisição do sítio feita em Abril daquele ano (foi muito interessante observar a evolução das idéias nos meses subseqüentes). Terceiro, os anos seguintes foram tão pródigos em atribuições e dificuldades de toda ordem que só por milagre (aliás, uma sucessão deles) o sonho não se inviabilizou. De sorte que foi somente em Agosto de 2005 que encontrei tempo e tranqüilidade para escrever.

Como poderá ser percebido no decorrer da leitura, nos primeiros quatro artigos ensaiei, tateei numa possível aproximação cautelosa entre um público indefinido (agora regional) e o conhecimento que desenvolvi em mais de cinco décadas de ricas e dramáticas experiências. Mas eles serviram bastante bem para diluir minhas dúvidas sobre o que escrever e para quem. A partir do quinto artigo minha escolha estava feita: formadores de opinião, agentes de transformação.

Devo confessar que minha oferta de colaboração não era tão desinteressada quanto poderia parecer lá nos primeiros parágrafos acima. Depois de viver 50 anos em São Paulo, viajar muito pelo Brasil e um tanto pelo mundo, ser geólogo depois de editor e livreiro, mais tarde analista de sistemas e consultor de corporações, mas sempre sobretudo professor, agora retomando as raízes das geociências pela visão ambientalista para resultar enfim em um educador ambiental, decidi viver os próximos 50 em Santo Antonio e sua bela região, por certo acaso felizmente esquecida pelo "crescimento econômico" nos últimos 30 anos. Interessa-me que as pessoas compreendam que não é possível ocupar desordenadamente os espaços vitais, não é possível apropriar-se predatoriamente dos recursos que a natureza ainda oferece, não é possível eliminar outros seres e outras espécies como se fossem lixo, não é possível pensar que tudo é como sempre foi ou que será sempre como é, não é possível consumir a vida do planeta Terra e esperar que tudo continue a parecer que sempre estará bem e imutável, não é possível prosseguir neste modelo insano e irresponsável de "desenvolvimento" e "progresso" sem aniquilar qualquer expectativa de futuro para as próximas (e talvez poucas) gerações que nos sucederão. Penso mesmo que no ritmo em que a carruagem desanda, provavelmente nós mesmos pagaremos o preço. É terrível e é real.

Ah, sim, o sítio: nele eu e algumas pessoas de muito boa vontade estamos criando um centro de educação e pesquisas ambientais. Traremos crianças, estudantes, turistas; afinal, mantemos e nutrimos a esperança de futuro, mas com os pés no presente.

Cenas

Artigo 1, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Ago/Set 2005

As cenas talvez falem por si mesmas.

Cena 1: estou na hoje mais famosa avenida de São Paulo. Passa um carrão, desses do ano, vejo a janela se abrir por um instante e eis que voa um jornal. Inteiro.

Cena 2: poucos minutos depois, vejo uma janela de ônibus se abrir. Voa uma lata de refrigerante.

Cena 3: recebo um folheto de propaganda de um dos inúmeros distribuidores que fazem um bico nas calçadas. Leio, não me interessa. O chão está cheio deles, procuro pela lata de lixo que deveria estar ali. Não está, foi queimada.

Cena 4: olho as águas do Rio da Prata, próximo à fonte. Parecem claras e fico feliz de estar em um lugar assim. Lembro que mais claras ainda estão as águas do córrego no Santa Cruz, que vão dar no Córrego da Machadinha, que vai dar no Ribeirão do Lajeado, que vai dar no Capivari e no Rio Grande e no Paraná, que vai dar no Rio da Prata, que vai dar no Oceano Atlântico. É 2000.

Cena 5: olho as águas do Rio da Prata, próximo à fonte. Já não parecem tão claras, como também não as águas do córrego no Santa Cruz, que vão dar no Córrego da Machadinha... Já não estou tão feliz no final de 2004.

O nosso Brasil é um país estranho, imensamente rico e imensamente pobre. Relembrando o que já observei em outros países, chego a pensar que nossa riqueza é também a nossa miséria. A Carta de Pero Vaz de Caminha dizia ao rei que "em se plantando, tudo dá", celebrando assim a fartura destas terras. Dava.

Séculos de exploração predatória têm exaurido nossos recursos, nossa exuberância, nossa paciência. Mas ainda não nossa esperança, pois, de uma forma até surpreendente, perseveramos na crença de que conseguiremos mudar o rumo das coisas e a qualidade de nossas vidas, quer como indivíduos, quer como comunidade, quer como nação e mesmo como espécie.

Como as águas do Rio da Prata, que vão dar no Capivari, que vai dar no Rio Grande...

Cidades e futuro

Artigo 2, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Nov/Dez 2005

No artigo anterior contrastamos cenas. Elas retrataram momentos vividos em uma metrópole como São Paulo e também em uma pequena cidade como Santo Antonio do Pinhal, mais de 12 milhões de habitantes numa, pouco mais de 7 mil noutra.

As diferenças podem ser assustadoras para quem deixar uma para viver na outra, qualquer que seja a direção da mudança.

Desde que começaram a ser criadas, há cerca de 10 mil anos, cidades podem ser viáveis apenas quando alcançam um certo número de habitantes; e tornam-se cidades inviáveis a partir de outro número.

Nascer e viver por décadas em uma pode ser fruto do mero acaso e da necessidade, não obstante a profunda afeição; optar e adotar outra, é certamente um caso de amor.

Não importa a cidade em que vivamos: ali vivem outras pessoas como nós, outras famílias como as nossas, outros grupos de amigos e conhecidos como os nossos e todos fazemos parte dessa comunidade, onde todos precisamos trabalhar e nos educar para a vida.

Não importa a cidade em que vivamos: ela está numa região onde há ainda outras cidades e as regiões fazem parte

de um território maior ainda. O que diz respeito a uma pode dizer respeito a outras, o que afeta uma pode afetar a todas, basta lembrar o caso dos rios ou do ar, do clima, da economia.

O sentido de todas as reflexões que aqui vierem a ser publicadas é um só e é bastante claro: criar oportunidades de sensibilização, de conhecimento, de consciência e de mobilização.

A sensibilização, no caso, tratará da busca pelo despertar, o acordar (estarmos de acordo – de coração) para aspectos da vida antes despercebidos.

O conhecimento será uma ferramenta construída em nosso cotidiano, o saber desejado e suficiente (pois não temos a pretensão de esgotar assuntos) para que possamos melhor compreender o que se passa.

Dar-se conta é um gesto de coragem, é a consciência buscada, dar-mos conta da interdependência que temos uns dos outros e que têm os eventos da natureza entre si, sabendo que dela fazemos parte.

A mobilização necessária, como a do passarinho no incêndio da floresta, é a generosidade que cada um de nós pode cultivar em si. É o exercício soberano e maduro da responsabilidade; é, no limite, um ato de amor.

Mudança viária

Artigo 3, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Dez 2005

Confesso que no início a idéia não me agradou. Há tempos a situação em geral já não era boa, o desregramento abundantemente praticado há décadas era muito incômodo. Na verdade, muito mais do que incômodo, apontava para algo bem mais preocupante: a derradeira oportunidade de ordenamento para um futuro possivelmente melhor estava sendo rapidamente perdida, desperdiçada. Não haveria nova chance.

Estava ruim, todos sabiam. Mas, como é possível para tudo que está ruim, poderia ficar pior.

Lembrei-me de que as cidades podem surgir e se desenvolver de várias formas, mas duas delas sendo bastante claras: podem brotar da iniciativa e conveniência de grupos de poucas pessoas, sendo assim quase sempre subordinadas a estes interesses (é a maioria dos casos); mas podem surgir de um planejamento intencional destinado a ocupar certa região, ainda como iniciativa de poucas pessoas, embora com o saudável propósito de bem servir a uma ampla coletividade (esta é a "esmagadora" minoria dos casos).

O fato é que Santo Antonio do Pinhal estava em uma encruzilhada. Não uma dessas bifurcações físicas, mas sim diante de uma escolha histórica, com todas as conseqüências que, para o bem ou para o mal, daí decorreriam.

Apesar de seus três eixos de ocupação, a concentração populacional e de movimentação da cidade se dá em uma calha que acompanha o Rio da Prata e se distribui ao longo das rodovias SP-46 e SP-50, que nos ligam ao Sul de Minas. O tráfego, agora intenso e pesado, se espremia pela inevitável calha natural, os incômodos e os problemas se avolumavam. Que fazer?

As notícias de uma possível mudança viária já me chegavam desde o início

da administração anterior e, como já disse, a idéia não me entusiasmava. Impedir o tráfego? Absurdo. Demolir casas e ampliar a avenida? Impensável, para um município empobrecido e endividado há outras prioridades urgentíssimas a cuidar.

Vi as primeiras providências sendo executadas e continuei cético: será que farão as mudanças adequadas? Passei alguns dias ausente, por conta de afazeres profissionais. Penso que este benéfico acaso fez o seu trabalho: quando retornei, feliz por voltar ao lar e à cidade amada por adoção, fui premiado com uma imagem e uma percepção novas da cidade, admiráveis.

Na verdade, pela primeira vez, desde a estação até o trevo depois do clube, tive a sensação de entrar e percorrer uma cidade. Explico melhor: para inúmeros visitantes com quem conversei nestes anos todos (e até mesmo para mim) Santo Antonio sempre deu a impressão de "uma *estrada* onde se distribuem algumas casas e comércio". Agora, a percepção é de que Santo Antonio do Pinhal é uma *cidade*, onde acontece passar uma estrada. Antes, como já vi um experiente consultor descrever, "*era como um posto de gasolina que cresceu para os lados*". Agora, é uma cidade buscando (e realizando) um reordenamento para o futuro, para a possibilidade de dias melhores. Como se diz, mudou o astral e mudou para melhor, muito melhor.

Assim, meus parabéns à cidade, parabéns à comunidade, parabéns à Prefeitura pela coragem em mudar.

Desejo um Feliz Natal a todos, esperanças renovadas para o ano que chega. Nós brasileiros temos o condão de realizar muito e com muito pouco, apesar das dificuldades. O mundo está de olho nisso.

Vida longa e próspera a todos.

Água e Tempo

Artigo 4, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Jan 2006

Acontece todos os dias.

Abrimos a torneira e lá está ela, a água verde para que dela façamos bom uso. Damos um toque no interruptor e zás, o ambiente se ilumina.

Usamos o vaso sanitário, acionamos uma alavanca e, como num passe de mágica, nossos resíduos desaparecem. Enfiamos todo o lixo num saco, botamos o saco lá na calçada, ouvimos o barulho do caminhão e a mágica se repete.

Às vezes, não. Pensamos: que absurdo, que será que aconteceu agora? Quem será o responsável pela incompetência?

O fato cotidiano é que **contamos** com que haja água e luz à nossa disposição, **damos por certo** que elas estarão lá, pensamos nisto como um fato natural.

Na verdade, a imensa maioria (estou sendo conservador) das pessoas que já conheci têm esta perspectiva e esta atitude: dão como absolutamente natural que haja energia e água à disposição, afinal, “o mundo sempre foi e sempre será assim ...”

É claro que também conheci muita gente para quem isto não é bem desta forma: são pessoas que contam com muito pouco para viver e têm dificuldade para obter estes bens indispensáveis. Uns poucos outros ainda são profissionais e pesquisadores que se dedicam de verdade ao assunto.

Nós brasileiros podemos nos considerar afortunados por habitar um país construído numa região particularmente favorecida de nosso planeta. Temos água e em abundância, entre outros bens minerais (sim, a água é um bem mineral!), e devemos dar graças por isto. Como decorrência, temos também certa facilidade em produzir energia elétrica.

O que pouquíssima gente consegue saber é que nem sempre esta parte do

planeta a que nos acostumamos chamar de Brasil teve estas riquezas, menos ainda esta imensa riqueza em água.

Deixemos de lado, por um tempo, os demais bens minerais e concentremo-nos naquele que tem recebido pouca atenção, a água.

Você consegue imaginar o Brasil com um mar no interior, onde hoje situam-se vários estados, do Rio Grande do Sul a São Paulo? Que tal outro mar ou desertos imensos abrangendo estados do Norte-Nordeste? Que tal um Rio Amazonas correndo ao contrário? E que tal uma imensa geleira bem perto daqui? Água, água ou a falta de.

Fascinante, não? Pode ser um consolo saber que nesses tempos ainda não estávamos por aqui e nem mesmo a humanidade caminhava sobre a Terra, embora inúmeras outras espécies o fizessem, como se estivessem preparando nossa chegada, um tempo imenso ainda a percorrer.

Mas outros tempos mais curtos e mais próximos são possíveis: o clima por aqui já foi outro, bem mais seco, bem mais árido. A água era escassa e não faz tanto tempo assim.

É fácil e é dramático: imagine-se sem água. Com sorte e sem outras fontes (como as frutas), conseguiríamos sobreviver por algo entre 15 e 30 dias.

Nos últimos 20 anos de consultoria a corporações eu dizia com frequência: antes a vida de uma pessoa era vista como um conjunto de fatos rapidamente projetados sobre um plano de fundo do mundo quase imutável; hoje dá-se o inverso, tudo muda muito rapidamente enquanto vivemos.

Logo, o mundo nem sempre foi assim e não há garantia alguma de que continuará a ser da maneira como o conhecemos. Aliás, a única certeza que podemos ter é a de que ele continuará a mudar e mudar por muitíssimo tempo

ainda. O que nos cabe em larga medida escolher é se queremos de alguma forma continuar a fazer parte dele.

Caso venhamos a errar em nossa escolha, não haverá nova chance.

O divertidíssimo escritor inglês Douglas Adams, autor, entre outras coisas, da série *O Mochileiro das Galáxias*, foi certa vez convidado por um professor amigo a dar uma palestra para formandos numa universidade. Sua educada irreverência e uma tremenda preguiça fizeram com que ele não preparasse o texto. Na hora, improvisou. Ele entendia de Ciências e em sua fala começou a criticar a maneira como se ensina nas escolas e universidades em geral.

Sapecou algo mais ou menos assim: *"É muito curiosa a maneira como vejo fazerem Ciência. Por exemplo, quando se quer descobrir como é que um gato funciona, logo divide-se o gato em umas tantas partes, procurando saber como é que cada uma delas trabalha e o que faz. E a primeira que coisa que se obtém é um gato que não funciona mais"*.

O agudo talento de Douglas nos fará falta, pois ele se foi precocemente e seu olhar perspicaz e bem-humorado era uma bênção nesta época de grandes e dramáticas transformações.

Sua lembrança me acudiu quando eu refletia sobre os objetivos desta coluna: tratar de forma condensada, mas clara, os assuntos da Educação Ambiental e do Desenvolvimento Sustentável.

Lembrei-me das dificuldades vividas por todos nós quando nas escolas (ou no trabalho, ou em casa) nos dispomos a aprender. O conhecimento que nos é apresentado vem geralmente em caixas. Quando somos pequenos, elas chamam-se Aritmética, Português, História, Geografia, Ciências etc. Quando crescemos um pouco, elas se chamam Matemática, Literatura, Filosofia, Física, Química, Biologia, Língua Estrangeira etc. Depois, quando somos maiores, podem bem ser Cálculo Numérico, Mecânica de Solos ou ainda Direito Internacional ou Fisiologia etc

etc. Mas vêm em caixas, sempre em caixinhas.

Quero com isto dizer que todos aqueles que um dia se perguntaram *"afinal, para quê isto serve? Para quê tenho que estudar isto?"*, sentindo-se desta forma solitários e miseráveis ou até mesmo estúpidos, na verdade não estavam sós. Quase todos que conheço e eu mesmo fizemos um dia estas perguntas.

O problema, em geral, não está em nós. Ele está na maneira com que o aprendizado nos é imposto. Tudo que está em uma das tais caixinhas é visto e nos é ensinado como um bem em si mesmo, como se nada tivesse a ver com as outras caixinhas. Isto é antigo, teve seu momento de glória e sua validade. Porém, está com o prazo de validade vencido, está ultrapassado, não mais é adequado para o momento e a época que vivemos.

Imagine os cerca de 150 mil anos da humanidade, de nossa espécie. Na quase totalidade deste tempo, quase nada sabíamos explicar da natureza senão por meio da magia ou da religião. Apenas nos últimos séculos é que aprendemos a fazer o que chamamos de ciência (em Latim, *"scio"* é "saber", "notar", "reconhecer"); e não foi fácil fazê-lo.

Uma das formas empregadas consistiu em tomar o problema a resolver dividindo-o em partes menores, ou então isolando o fenômeno a observar de seu contexto, de sua totalidade. Já que não se compreendia o todo, talvez fosse possível resolver a questão pelo exame das partes, juntando-se tudo depois. O filósofo francês René Descartes foi quem sistematizou esta abordagem, depois chamada de método cartesiano.

No mundo ocidental de então, o cartesianismo foi um passo adiante na busca por compreender a realidade,

embora existissem outros caminhos. Benéfico inicialmente, hoje entretanto considero-o nefasto. É necessário e urgente desaprendê-lo.

Por exemplo, muito fala-se hoje em ecologia, educação ambiental, desenvolvimento sustentável. Tende a virar moda e, como em todas as modas, ficar o dito pelo não-dito, o aprendido pelo não-explicado, o compreendido pelo subentendido.

Com estas considerações, dou início a uma série de artigos que aqui procurarão, nos limites deste espaço e de meus conhecimentos, lançar alguma luz sobre noções e conceitos necessários à compreensão do que queremos dizer com ecologia, educação,

ambientalismo, desenvolvimento e sustentabilidade. Construiremos aqui juntos estes conhecimentos, como capítulos de uma proposta de desenho de um futuro promissor para nossa cidade, que vive um momento único e imperdível, e talvez também para nossa região.

Poderemos desta forma falar de educação ambiental para o desenvolvimento sustentável.

Para isto e para uma ampla troca de idéias entre nós, as eventuais mensagens que queiram me enviar poderão ser encaminhadas para este jornal ou então para meu endereço na Internet: fortiz@cepa.tur.br.